

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E ESTEREÓTIPOS DA MULHER NEGRA EM “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO

A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE PRODUCTION CONDITIONS AND STEREOTYPES OF THE BLACK WOMAN IN “THE CORTIÇO”, BY ALUÍSIO AZEVEDO

Nathalie de Jesus Maria Ribeiro (UEMA)¹
Safira Ravenne da Cunha Rêgo (UEMA / SEDUC-MA)²
Francisco Renato Lima (DMTE/CEAD-UFPI)³

RESUMO: O presente artigo analisa a construção de estereótipos do sujeito mulher negra na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, publicado em 1890, pertencente ao estilo de época Naturalismo, que tem o determinismo como principal característica. A Análise do Discurso (AD) de vertente francesa é a linha teórica utilizada, por representar uma relação entre língua e discurso e evidenciar a construção de significados, que coloca em destaque o sujeito. Foram analisadas as condições de produção, interdiscurso e a produção discursiva, para evidenciar os variados efeitos de sentido e as representações estereotipadas do sujeito mulher negra, compreendidas através do assujeitamento. Dessa forma, buscou-se identificar as marcas discursivas no romance, bem como analisar no discurso literário, as condições de produção do estereótipo da mulher negra. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada na AD proposta por Michel Pêcheux (1990), centrada em autores como Orlandi (2004; 2006; 2008; 2015), entre outros. O romance é uma crítica à construção da sociedade brasileira no período colonial. Os resultados apontam que a construção do estereótipo do sujeito mulher negra é um acontecimento que reflete nos dias atuais e contribui para perpetuação do preconceito racial.

Palavras Chaves: Discurso literário. O Cortiço. Estereótipos. Mulher Negra.

ABSTRACT: *This article analyzes the construction of stereotypes of the female black subject in the woman “O Cortiço”, by Aluísio Azevedo, published in 1890, belonging to the style of the Naturalism period, which has determinism as its main characteristic. The french Speech Discourse Analysis is the theoretical line used,*

¹ Graduada em Letras – Português pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Email: nat.ribeiro-nathalie@hotmail.com

² Graduada em Letras - Português (UFPI). Especialista em Docência do Ensino Superior (ISEPRO). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professora efetiva da educação básica da SEDUC-MA. Professora substituta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Email: saffira01@hotmail.com

³ Graduado em Pedagogia (UNIFSA) e Letras – Português/Inglês (IESM). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professor Substituto, Classe Auxiliar, Nível - I, da Universidade Federal do Piauí, lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE/UFPI). Email: fcorenatolima@hotmail.com

since it represents a relation between language and discourse and evidences the construction of meanings, which places the subject in focus. The conditions of production, interdiscourse and discursive production were analyzed to show the varied effects of meaning and the stereotyped representations of the black woman subject, understood through the assujeitamento. In this way, we tried to identify the discursive marks in the novel "O Cortiço", of Aluísio Azevedo, as well as to analyze in the literary discourse, the conditions of production of the stereotype of the black woman. This is a bibliographical research, based on the theory of Discourse Analysis of Michel Pêcheux (1990), focused on authors such as Orlandi (2004; 2006; 2008; 2015). The novel is a critique of the construction of brazilian society in the colonial period. The results point out that the construction of the stereotype of the black female subject is an event that reflects today and contributes to the perpetuation of racial prejudice.

Keywords: *Literary Discourse. The Cortiço. Stereotypes. Black woman.*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A mulata [Bertoleza] era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; [...], assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias [...].

(AZEVEDO, 2009, p. 72)

A leitura de uma obra literária pressupõe considerar os diversos elementos propícios a sua construção. Muito mais do que compreender sentenças, é evidenciar conceitos, memórias, imagens etc. Dessa maneira, a análise de discursos representa uma atividade de ativação de sentidos e condições para que estes (os discursos) sejam produzidos.

Neste estudo, o interesse pela análise do discurso literário e, em específico, o discurso do estilo de época naturalista, deu-se pelo fato de esse movimento literário possuir o determinismo como principal característica, uma vez que o foco da análise é evidenciar as condições de construção do estereótipo do sujeito mulher negra no discurso literário "O Cortiço", de Aluísio Azevedo.

Orlandi (2015, p. 13) conceitua discurso "como palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando".

Nesse sentido, inclui-se o discurso literário numa perspectiva linguística, social e histórica, evidenciando-se, no arquivo, produtos da realidade.

A Análise de Discurso, doravante AD, procura analisar e compreender o texto, a partir, das construções ideológicas presentes no mesmo, ou seja, “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13). É, ademais, através dessa interação homem-social-história, que o discurso, interpelado de ideologia, transforma-se.

A AD de linha francesa teve seu início marcado por questões políticas e culturais presentes no mundo. Seus postulados partem da ideia de que as ideologias presentes em um dizer são construídas e influenciadas pelo contexto político-social em que o autor está inserido, manifestando-se de forma significativa no discurso. Com isso, preocupa-se em analisar a linguagem em meio a essas transformações: sociais, culturais, históricas e linguísticas, tratando o discurso como efeitos de sentidos com capacidade de significar, o que vai além da Linguística.

A AD realiza uma análise interna e uma externa do texto – que é uma forma de construir significados de valores individuais e coletivos. Faz-se uma análise interna do texto, para saber “o dito e como foi dito”, e uma externa, para saber se “o que foi dito é o que ele quis dizer”. O discurso é, pois, analisado de acordo com a situação em que ele foi criado, ancorando-se em Pêcheux (1990, p. 18), ao destacar que “os valores ideológicos de uma determinada formação social têm o discurso representado pela formação imaginária”. Isso significa que o discurso de um sujeito depende de onde ele está inserido e a formação desse discurso representa a palavra dita e, conseqüentemente, remete a uma formação imaginária. São conceitos que se cruzam, que se interligam e que permitem, por isso mesmo, a construção das várias formações imaginárias no processo discursivo. A AD mobiliza várias categorias de análise e, nesse estudo, serão destacadas essas formações imaginárias, dentre elas os “estereótipos”, bem como as suas “condições de produção”.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar as condições de produção e estereótipos da mulher negra como sujeito notável nesse contexto. Do ponto de vista discursivo, é inviável que se teçam interpretações de obras apenas sob o prisma do

senso comum, da opinião pessoal ou da subjetividade do autor, sendo necessária, portanto, uma abordagem dos sujeitos (interlocutores) e situações (tema abordado, contextos, cenários, textos e localização das informações).

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ARQUIVO: INTERFACES ENTRE O DIZER E O POR QUE DIZER

As condições de produção “compreendem o sujeito e a situação [...] no sentido estrito, [...] as circunstâncias da enunciação: [...] o contexto imediato [...] em sentido amplo, [...] o contexto sócio histórico, ideológico” (ORLANDI, 2015, p. 28-29). Dentro dessa perspectiva, pode-se analisar o sujeito mulher negra e as situações às quais elas foram submetidas dentro do discurso literário.

As condições de produção funcionam de acordo com o contexto imediato, sócio-histórico e ideológico para constituição do discurso, de acordo com alguns fatores, um deles é a relação de sentidos. Portanto,

[...] não há discurso que não se relacione com outros. [...] os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2015, p. 37)

Do ponto de vista discursivo-literário, os autores, ao se interessarem por assuntos do cotidiano brasileiro, possibilitaram o surgimento de obras que evidenciavam temas de caráter social. Assim, a literatura é um acontecimento importante na sociedade, sendo relevante seu valor para esse estudo, ao examinar como o texto literário evidencia o sujeito mulher negra e de que forma era propagada tal imagem pelo escritor, já que, como personagens, seus estereótipos estavam firmemente estabelecidos social e culturalmente.

Quanto ao autor, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, conhecido como Aluísio Azevedo; escritor, diplomata, jornalista e caricaturista, nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Publicou seu primeiro romance, “Uma

Lágrima de Mulher”, em 1880, onde se mostra exageradamente sentimental e de estilo romântico. Em 1881, edita “O Mulato”, romance que iniciou o Movimento Naturalista no Brasil. A obra denunciava o preconceito racial existente na burguesia maranhense com a reação negativa da sociedade (DIAS *et al*, 2013).

Aluísio Azevedo abandonou as tendências românticas em que se formara, para, influenciado por Eça de Queirós e Émile Zola, tornar-se o precursor do Movimento Realista-Naturalista. Preocupado com a realidade cotidiana, seus temas prediletos foram: a luta contra o preconceito de cor, o adultério, os vícios e o povo humilde. Na obra “O Cortiço”, Aluísio retrata o aumento da população no Rio de Janeiro e o aparecimento de núcleos habitacionais, denominados cortiços, onde se aglomeravam trabalhadores e gente de atividades incertas (DIAS *et al*, 2013).

O arquivo utilizado para análise foi “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, escrito em 1890, pertencente ao estilo de época naturalismo, que está ligado aos aspectos sociais e culturais da época. De forma geral, encontra-se na literatura duas representações sociais da mulher negra: bonita e sensual ou retinta, feia, suja e ligada ao lado pejorativo do trabalho. Dessa forma, Rêgo (2016, p, 42), em leitura de Orlandi (2006, p. 15), aponta:

Por condições de produção, entendemos a conjuntura que possibilita a compreensão dos sentidos por meio do sujeito e sua situação. Esta, logo, pode ser considerada, conforme, em seu sentido estrito e em seu sentido lato. É sentido estrito “o aqui e o agora do dizer” e sentido lato “o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo”.

O cortiço é o ambiente no qual se passa o romance. A narrativa em terceira pessoa, com um narrador onisciente, trata das dificuldades da sociedade. E, como Aluísio era simpatizante das ideias abolicionistas, “O Cortiço” traça um painel da herança colonial brasileira, mostra como a libertação dos negros é insuficiente para a transformação social.

3 ENTENDENDO O CONCEITO DE ESTEREÓTIPOS: PARA ALÉM DA MATERIALIDADE

O estereótipo constitui-se de um conceito, modelo, ideia ou imagem atribuída a uma pessoa individual ou grupos sociais, coletivos, na maioria das vezes, de maneira preconceituosa e sem conhecimento consistente e fundamentado sobre a questão. Dessa forma, podem ser referidos como impressões, pré-conceitos e “rótulos” criados de modo generalizado e simplificado pela visão do senso comum.

Para Borges; D’adesky; Medeiros (2002, p. 53), “estereótipos são preconceitos cristalizados em imagens ou expressões verbais. [...] de [...] grupos humanos, atribuindo-lhes traços de personalidade ou comportamentos”. Paralelo ao desenvolvimento das sociedades civilizadas – se é que cabe o termo nesse sentido, uma vez que os estereótipos negativos construídos sobre os sujeitos constitui marca de pouca civilidade –, os estereótipos foram sendo criados, como forma de padronizar diversos aspectos relacionados ao ser humano e suas ações, cristalizando-se assim, como manifestações do preconceito na sociedade.

Com o processo de globalização, muitos estereótipos culturais foram desenvolvidos pela sociedade. Quanto a isso, pode-se pensar na xenofobia, um preconceito que define a aversão aos estrangeiros, ou tudo aquilo que é diferente de sua cultura. Além disso, o etnocentrismo é outro tipo de preconceito, reproduzido pelos estereótipos culturais, sendo que o termo é aplicado para definir a superioridade de uma cultura sobre a outra. Cita-se também, os estereótipos de gênero, como por exemplo, a “homofobia” ou aversão aos relacionamentos homoafetivos; bem como o machismo e a misoginia, também relacionados aos gêneros femininos e masculinos.

Se os estereótipos são impressões utilizadas para julgar as pessoas e seus comportamentos, pode-se intuir que, muitas vezes, essas avaliações estão intimamente relacionadas com o preconceito. É oportuno lembrar, pois, que o preconceito, tal qual o estereótipo, surge com as atribuições feitas sobre as pessoas, de modo que são lançados juízos de valor sobre determinado aspecto da sociedade, seja a classe social, a cultura, a religião, a etnia, a cor da pele, a preferência sexual, entre outros. Assim, pode-se refletir que, os estereótipos fortalecem as ideias preconceituosas, ou seja, são à base de diversos tipos de preconceitos, os quais geram violência verbal ou física entre os indivíduos.

Dessa análise, que visa investigar as condições de construção de estereótipos do sujeito mulher negra evidenciada no discurso literário “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, convém, entre outras coisas, tratar da língua em seu aspecto opaco, passível a diversos sentidos e de mutabilidade, ou seja, a constantes transformações.

4 A OPACIDADE DA LÍNGUA E SUA MUTABILIDADE

Na AD, a língua não é transparente, ela é opaca. “Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2015, p. 15-16). O texto é uma forma de se significar, mostrando o real da história, através da sua opacidade. O sujeito e a história têm seu real afetado pelo simbólico, funcionando o sujeito pelo assujeitamento e pela ideologia.

Em “O Cortiço”, nota-se como a constituição da sociedade da época contribuiu para a formação do sujeito mulher negra. Essa mulher, aqui, é tratada ou como a negra trabalhadora subserviente ou como a mulher sexual, hipersexualizada, a mulata-exportação. Orlandi (2015, p. 4) afirma,

[...] o homem na sua história considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Em “O Cortiço”, Rita Baiana materializa a imagem de mulher banalizada, submissa, vista apenas para a procriação ou, menos ainda, para o prazer masculino. Em um momento da obra, o autor chega a se referir a ela “como uma cadela no cio”, enfatizando seu lado animal. Trata-se aqui, do mito da mulher negra que é vista somente para o sexo, e nunca como uma mulher “pra casar”.

O ambiente retratado representa a verdadeira face da sociedade colonial brasileira, à medida que evidencia a real história dos sujeitos e suas formas de significar. Mostra as bases físicas e naturais da linguagem e da cultura que formam

a sociedade. “Essa esfera evidencia o material-político-simbólico” (RÊGO, 2016, p. 41). “Ela dá a inclinação do corpo” (ORLANDI, 2004, p. 28), constituindo o próprio acontecimento, ao inscrever-se na história, produzindo sentidos.

Do ponto de vista literário, as obras, ao abordarem temas de mero caráter social, constituem-se em prática, porque a linguagem intervém no real (ORLANDI, 2015), uma vez que o sujeito discursivo não realiza apenas atos. Estes, inseridos em um meio histórico-social, constituem-se de sentidos e passam a significar segundo uma carga ideológica.

A principal característica do Naturalismo, escola literária na qual se insere o autor de “O Cortiço” é o determinismo: o homem visto como produto do próprio meio. Dessa forma, a AD “pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2015, p. 15).

Temas como a convivência íntima do explorado, representado pela escrava Bertoleza, pelo povo que habitava as casas, pelo explorador João Romão conduzem a narrativa e propiciam a circularidade dos dizeres, determinados pelo contexto, pelo meio. O homem é, nessa obra, analisado como produto dos fatores deterministas. O ambiente é bem caracterizado e é, na verdade, um personagem, personificado como humano, gente, de ‘carne e osso’: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo...” (AZEVEDO, 2009, p. 37).

Nota-se, nessa sequência discursiva, a preocupação em registrar o coletivo e, mais ainda, os detalhes do lugar: suas minúcias, descrições e representações. Na verdade, o autor retrata o cortiço como um local em constante movimento, agitação, de onde germina vida, o que é uma característica própria do Determinismo de Taine⁴, ao relacionar ambiente e acontecimentos, e/ou a própria constituição dos sujeitos-personagens.

⁴ Filósofo, historiador e crítico literário, Hippolyte Adolf Taine (1828 – 1893), na metade do século XIX, exerceu forte influência na literatura, em especial, na estética Naturalista, desenvolvendo o Romance Experimental, partindo da análise da relação entre homem e da sociedade, em alto grau de profundidade.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 2009, p. 21). São os adjetivos muito frequentes na narrativa, e é isso que confere à obra um ar de sentimento e emoção aguçados, uma vez que a mente do leitor é interpelada por imagens, situações e sentidos.

A materialidade da língua é aprofundada e realizada nos estudos semânticos que, em sua discursividade, comportam a linguagem, história e ideologias, relacionando com o entendimento dos sujeitos, situações e sentidos, havendo, logo, uma necessidade de analisar a língua, não como transparente, e sim, sua opacidade.

Ao explicitar essa materialidade ideologicamente interposta, significada pelo ambiente constituído pelo sujeito mulher negra, retoma-se Orlandi (2015, p. 17), ao afirmar que “a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”. O sujeito e a situação são interligados intimamente, uma vez que o lugar que o sujeito está inserido é indispensável para compreensão do que é dito pelo sujeito.

Ainda, para a autora (ORLANDI, 2015, p. 18), “o sujeito de linguagem é descentrado, pois afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

Muitas e variadas questões sobre essa formação do sujeito têm sido postas em prática, inclusive pela filosofia da linguagem, na figura de Mikhail Bakhtin, que fomenta debates contemporâneos ao tratar da questão da consciência e do papel atribuído ao sujeito, baseado na interação com o outro. Bakhtin (2009) traça tais questões sob um ambiente sócio-discursivo-cultural, em que o discurso é mediado pela ação do sujeito e pela presença do outro. Ao fazer isso, conseqüentemente, seus estudos atacam as teorias reducionistas, a saber: a Linguística e a Psicologia.

Assim, o contexto sócio-histórico é constituído por dizeres, quando o sujeito e a situação se relacionam; os quais, inclusive, por estarem inseridos nesse envolvimento,

nunca podem se dar por prontos, acabados, constituindo-se, assim, numa incompletude, que dá margem, entre outras coisas, a falar da memória discursiva.

5 INCOMPLETUDE E MEMÓRIA DISCURSIVA

No discurso, a incompletude é tratada como a condição da linguagem. Para Orlandi (2015, p. 50), “nem os sujeitos nem os sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. [...] Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível”. Os sujeitos e os sentidos funcionam na falta, na relação, no movimento.

A análise feita nesse estudo se deu pelos fatos que reclamam sentidos, na história e na memória discursiva. A obra analisada se relaciona com outros discursos proferidos anterior e posteriormente, com a exterioridade da língua, que possibilita a construção da materialidade e a produção de sentidos. Cabe ressaltar, que a análise realizada na obra, é apenas um recorte de toda ideologia presente no discurso.

Na memória discursiva, o homem (se) significa. Para Orlandi (2015, p. 50-51),

[...] o sujeito significa em condições determinadas [...] reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentidos por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.

É através do interdiscurso e da memória discursiva que se está constantemente atualizando as formas de dizer e os dizeres. A incompletude dos sujeitos e dos sentidos possibilita um leque de interpretações e (re) significações do discurso, criando diversas formações discursivas e vários sentidos. Nessa perspectiva, de acordo com Orlandi (2015, p. 50), é preciso levar em consideração “a literalidade em relação ao processo discursivo com suas condições”. Pois,

Se a ilusão do sentido literal – ou do efeito referencial, que representa a relação imanente entre palavra e coisa, considerando que as “estratégias” retóricas, “manobras” estilísticas não são

constitutivas da representação da realidade determinada pelos sentidos de um discurso – faz o sujeito ter a impressão da transparência, é tarefa do analista de discurso expor o olhar leitor à opacidade do texto, como diz M. Pêcheux (1981), para compreender como essa impressão é produzida e quais seus efeitos.

A posição do sujeito e a capacidade que o sujeito tem para antecipar-se devem ser analisadas em relação ao dizer, na produção do discurso. Assim, a antecipação insere o sujeito no discurso já constituído, considerando a linguagem, a história, a política, os sentidos levando em consideração a sua ideologia e a capacidade de significar.

Essa antecipação é abordada na obra “O Cortiço”, uma vez que o sujeito analisado é marcado por memórias de um passado indigno, subserviente, humilhante e opressor, mulheres negras reduzidas ao trabalho braçal e ao sexo, sofrendo humilhações, sem nada poder fazer, inferiores e submissas aos seus senhores e ao contexto sócio-histórico a que estavam inseridas. “[...] Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego [...] trabalhava forte [...]” (AZEVEDO, 2009, p. 15).

Dessa forma, no discurso literário foram analisadas as condições de produção e estereótipos do sujeito mulher negra, pontos já discutidos em outras obras, que tratam dessa situação de formulação da identidade da mulher negra na sociedade atual. Suas personagens lembram outros já criados anteriormente e que são reforçados posteriormente em outros textos. O discurso aponta para um dizer já dito, por tratar a situação da mulher negra na sociedade.

Para compreender o real da história que compõe a obra, deve-se recorrer a outras obras que trataram dessa materialidade, destacando que outras obras não constituem o objeto de estudo, servem apenas a título de exemplo. A que interessa nesse caso, é a de uma autora já consagrada e que, diferentemente da obra analisada, mostra nas suas poesias, como o sujeito mulher negra foi afetado pela constituição desses estereótipos que lhes são atribuídos historicamente: Elisa Lucinda.

Abordar esse o nome de Elisa Lucinda reflete o interesse que está no sentido histórico e na fixação da memória discursiva do sujeito mulher negra. Recortes das poesias de Elisa funcionam aqui, como documentos de análise e

comparação, para que se faça essa relação de memória. Nunes (2008, p. 83) aponta que “uma obra passa a ser um ‘documento’ na medida em que ela é historicizada, ou seja, na medida em que ela se torna um objeto de um saber documental. O texto nomeia data, seleciona objetos e traça percursos”.

Uma vez que a mulher negra é vista como inferior, suja, subserviente, hipersexualizada, reduzida ao sexo, na obra “O Cortiço”, cabe aqui relacionar com as poesias de Elisa Lucinda, que remetem à memória discursiva presente no discurso das obras citadas. Nas poesias comparadas, a poetisa mostra à interferência dos estereótipos atribuídos a mulher negra, na construção da sua identidade, e como isso reforça o preconceito racial e a visão que a sociedade tem do sujeito mulher negra. Orlandi (2008, p. 63) trata do discurso, “definido em sua materialidade simbólica, como ‘efeito de sentidos’ entre locutores, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”.

Trata-se do estereótipo atribuído a mulher negra: suja, subserviente, vista apenas para o trabalho forçado, reduzida ao sexo e oprimida e humilhada pelos brancos. Amossy (2005, p. 221) afirma que “a imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura”.

É comum, para mulheres negras, serem vistas com subserviente e hipersexualizadas, não só por brasileiros, mas também, por estrangeiros, que olham para mulher negra e veem apenas essa imagem. Ou ela se resume à “mulata” exportação, ou à empregada doméstica. Esses são os estereótipos atribuídos a elas, construídos com base na sociedade escravocrata e no preconceito racial. Imagens criadas, que também circulam pela mídia brasileira.

É produtivo pensar os estereótipos na perspectiva discursiva. Em “Cidade dos Sentidos” (2004), Orlandi (p. 18) trata de estereótipo, visto “como repetição, fixação, elemento comum. E que deve ser tratado ideologicamente pela noção de memória, de interdiscurso, de efeito de pré-construído”.

Os poemas de Elisa Lucinda, relacionadas foram “Mulata Exportação” e “Ashell, Ashell Pra todo mundo, Ashell” que estão presentes no livro “O Semelhante”, publicado em 1994. Na obra, o sujeito feminino negro que se depara em situações nas quais sua condição de mulher negra é posta em questão, seja

como um fator apenas de interesse sexual, ou como a luta ou barragem de determinados espaços por ser mulher negra.

No poema “Ashell, Ashell, pra todo mundo, Ashell”, Elisa Lucinda evidencia um sujeito mulher negra que se depara com questões sociais de sua raça. Com os sistemas de barragem sociais existentes, segundo Moura (1988), pela questão da cor de sua pele.

A sociedade brasileira não aceita a cor preta e cria barreiras e discursos de afirmação negativa de sua condição de mulher negra. Tem-se nos versos abaixo, da autora, o reforço dos estereótipos da mulher negra, sendo apontada, ou servindo apenas a algumas funções, como o trabalho braçal, ou reduzida a um objeto sexual.

[...]
Ela, bonita... saiu. Perguntaram: Você quer vender bombril?
Ela disse não.
Era carnaval. Ela, não-passista, sumiu
Perguntaram: empresta tuas pernas, bunda e
Quadris para um clip-exportação?
Ela disse não.
Ela dormiu. Sonhou, penteando os cabelos sem querer
se fazendo um cafuné sem querer
Perguntaram: você quer vender henê?
Ela disse nãããã.
Ficou naquele não durmo não falo não como...
Perguntaram: você quer vender omo?
Ela disse NÃO.
[...]
(LUCINDA, 2007, p. 171)

Percebe-se nesse trecho, uma relação com a imagem da mulher negra presente em “O Cortiço”, subserviente, oprimida. No entanto, há uma diferença nesse fragmento: a mulher não aceita e questiona o papel que lhe foi destinado. Nos versos do poema encontra-se essa visão historicizada do estereótipo atribuído ao sujeito feminino negro, no modo como a mulher negra era vista e como se deu seu processo de construção na sociedade colonial. No poema há um incômodo do sujeito em relação aos significados.

No poema “Mulata Exportação”, na mesma linha temática do poema acima, Elisa Lucinda aborda também a figura feminina negra, que não concorda com as vontades do homem branco, o qual a vê como produto de uso sexual. Os versos

remetem diretamente ao passado colonial e escravocrata sofrido pela raça negra, e existente e difundido, até hoje.

[...]
Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaokê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada.
Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
[...]
(LUCINDA, 2007, p. 184)

Nesse trecho, pode-se evidenciar uma relação com a personagem Rita Baiana, tratada na obra de Azevedo, como a mulher negra vista apenas, como objeto sexual do homem branco. No poema, mostra como o estereótipo interfere na construção da identidade.

Os poemas aqui analisados, servindo de referência para a compreensão da circulação dos sentidos e, conseqüentemente, da memória discursiva, fazem com que se constate cada elemento e as noções que permitam compreender a imagem construída desse sujeito mulher negra na sociedade colonial e que é reforçado até os dias de hoje.

6 A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: A REPRESENTAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DA MULHER NEGRA NO ROMANCE “O CORTIÇO”

A imagem estereotipada do sujeito mulher negra foi historicamente constituída pela literatura e pela mídia, relacionada com valores sociais e naturais normatizados e fixados. Representantes desse estereótipo são as personagens Bertoleza e Rita Baiana, mulheres descritas na obra “O Cortiço”, como subservientes, inferiores, sujas, reduzidas ao sexo. Na análise discursiva, pode-se

ir ~~mais~~ além da historicidade, e compreender quais sentidos são atribuídos a esse sujeito.

Essas personagens estereotipadas contribuem para a construção da identidade da mulher negra, antecipando a imagem dessas em relação ao meio que estão inseridas. É uma imagem de subordinação e desprezo, que, de tão propagada, acaba se tornando aceitável. Como afirma Orlandi (2015, p. 52),

A repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido.

Trata-se, pois, de uma imagem construída pelo meio social, político e histórico, uma ideia que o sujeito mulher negra representa um efeito construído com base na realidade que está inserida. Escritores, jornalistas e a mídia de um modo em geral, acabam representando o sujeito feminino negro, dentro da mesma perspectiva evidenciada na obra, reforçando essa ideia estereotipada, que contribui para o preconceito racial.

A obra, aqui tratada, evidencia o sujeito mulher negra no século XIX, seguindo a lógica das teorias raciais abordadas no período. A mulher negra como objeto da literatura, foi mostrada submissa, inferior, sexualizada, entre outros adjetivos.

O evolucionismo foi evidenciado dentro de “O Cortiço”, podendo-se localizar, nesta obra, a teoria formulada por Darwin e outros cientistas. A evolução está posta na figura de João Romão. O determinismo, a principal característica do Naturalismo, corrente literária em que se insere Aluísio Azevedo, isto é, o homem como produto do meio, também é visto no personagem Jerônimo. Logo, há uma grande ligação desse romance com os modelos científicos do século XIX.

Como a mulher negra, ainda hoje, é vista na sociedade brasileira como a empregada doméstica e a mulata exportação, o interesse pela análise partiu do fato que os estereótipos contribuem para a construção da identidade da mulher negra e intensificam o preconceito racial. Tratou-se da constituição do sujeito mulher negra

na sociedade colonial, como Bertoleza, escrava trintona retinta, que logo foi viver com o português João Romão, e logo passou a trabalhar para ele:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeira, de criada e de amante. [...] Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, [...] E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem [...] (AZEVEDO, 2009, p. 11).

Aqui, pode-se identificar um dos estereótipos atribuídos ao sujeito mulher negra, a qual é exposta de modo submisso e inferior ao homem branco: o trabalho demasiado, reforçando o seu rótulo de escrava doméstica, o que é, inclusive, evidenciado na ficção constantemente.

A personagem Rita Baiana é formulada como uma mulata faceira, provocante, sensual, que a destaca nas festas no cortiço como dançarina, levando os homens a perderem a cabeça, a exemplo de Jerônimo:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; era o calor vermelho das sestras de fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras... Era a muriçoca doida, que esvoraçava havia tempo em torno do corpo dele assando-lhe os desejos (AZEVEDO, 2009, p. 69).

O determinismo é claro na personagem de Rita baiana, nesse fragmento, evidencia-se pelo delírio que a “mulata” poderia causar ao homem branco, deixando clara a forma hipersexualizada com que o sujeito feminino negro era constituído na sociedade colonial. Esse “papel da mulata” pode-se perceber no Carnaval, quando a mídia vende essa imagem de “mulata exportação” da mulher negra para os estrangeiros. Um exemplo disso é a globeleza, mostrada até bem recente, completamente nua, só com algumas partes pintadas, na Rede Globo, um canal de TV aberta.

Cada sociedade constrói uma ideologia coletiva, que faz parte da memória discursiva. À medida que se difundem as obras literárias com negras e mulatas como personagens, estas passam a ser aceitas pelo público e recria-se o

estereotipo, dentro do qual se refletem os efeitos e a ideologia do preconceito de cor (BROOKSHAW, 1983).

Trata-se, como o próprio nome “estereótipo” significa, de uma imagem pré-concebida, falha, no entanto, os discursos de intolerância e menosprezo a essa mulher são frequentes e, de tão propagados, hoje, tidos como “normais”. Dessa forma, percebe-se que não só a literatura, como também a mídia, reforçam os estereótipos atribuídos ao sujeito feminino negra, que refletem na sua identidade e intensificando, assim, o preconceito de cor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o texto literário, na perspectiva da AD, é analisar o discurso, que vai muito além do simples significante, ou até mesmo, do significado, uma vez que ativa conceitos circundantes de um contexto dado e da própria circulação de discursos. Logo, para tratar o sujeito e a situação em que este está inserido é preciso, no que tange a construir e compreender os sentidos, fundamentados no contexto sócio-histórico.

A análise teve o intuito de demonstrar como a memória discursiva, as condições de produções e as formações ideológicas são importantes para a compreensão da constituição dos sentidos a serem compreendidos com base na AD, “partindo do pressuposto de que a discursividade abarca tanto relações de sentido, no campo do simbólico, quanto relações de força, com base na materialidade histórica” (RÊGO, 2016, p. 84).

A análise dessa obra mostra como são constituídos os estereótipos atribuídos à mulher negra do século XIX, e como eles perpetuam até hoje, sendo responsáveis pela expansão do preconceito racial. É interessante ressaltar, ainda, que a significação do sujeito é construída pelo simbólico, permitindo uma análise da materialidade do território e dos elementos históricos que constituem sentidos e constroem as imagens desse sujeito.

Entre os personagens da obra, foi citada a negra Bertoleza, exposta de maneira submissa e inferior ao português João Romão que, por ser branco, ascende

socialmente graças ao trabalho da negra. Assim, Bertoleza deveria sim, trabalhar para João Romão, pois era mulher e, portanto, inferior a ele.

Outra personagem é Rita Baiana, vista por seu lado sensual, responsável por levar o homem branco a cometer loucuras, a se desestruturar e ficar à margem da sociedade. Mais uma vez a mulher negra é responsável pelo declínio do homem branco.

A análise realizada, fundamentada na AD, com um olhar para o discurso literário, possibilitou evidenciar o trabalho histórico na língua, observando como o discurso literário contribui para a materialidade linguística e produção de sentidos.

Analisar os sentidos produzidos na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, permitiu a compreensão dos efeitos produzidos no discurso literário, de opressão, de inferioridade, de submissão, da construção da identidade do sujeito mulher negra, da constituição dos estereótipos que lhes são atribuídos, enfim, de ser mulher negra em uma sociedade estruturalmente racista.

Assim, vê-se a mulher negra brasileira, dentro do contexto de uma sociedade hierarquizada, em que esse sujeito representa um elemento social inferior, subserviente, sexual, oprimido e responsável pelo atraso na nação.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **As imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BORGES, Edson, D'ADESKY, Jacques, MEDEIROS, Carlos Alberto. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

DIAS, André; GRACINO, Igor; RIBEIRO, Ilma; PACSHE, Marcos. **Literatura brasileira**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2013.

LUCINDA, Elisa. **O semelhante**. São Paulo: Record, 2007.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

NUNES, J.H. O discurso documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos dicionários. **Revista Alfa**, v. 52, n.1, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Delimitações inversões, deslocamentos. Trad. José H. Nunes. **Cadernos de Estudos linguísticos**, 19. IEL, Unicamp, 1990.

RÊGO, Safira Ravenne da Cunha. **Teodoro Bicanca, de Renato Castelo Branco**: da produção de sentidos e da construção da imagem do homem nordestino. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos de Linguagem) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.